

A Recepção da Obra de Ponchielli no País de Carlos Gomes

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL

Isaac William Kerr

UNICAMP – *kerrconductor@gmail.com*

Lenita Waldige Mendes Nogueira

UNICAMP - *lwmn@iar.unicamp.br*

Marcos da Cunha Lopes Virmond

USC - *mvirmond@iisl.br*

Resumo: Como ponto de partida para maiores aprofundamentos no contexto de Carlos Gomes e dos compositores do chamado período de transição da ópera italiana, o trabalho apresenta Amilcare Ponchielli, personalidade do convívio pessoal de Gomes, além de possuidores de perfis estéticos similares. A comunicação traça um paralelo da vida de ambos os compositores e investiga a recepção e repercussão da presença musical de Ponchielli no Brasil desde o séc. XIX. Como percurso metodológico, investigou-se principalmente as diversas críticas e anúncios pela imprensa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Palavras-chave: Amilcare Ponchielli. Antônio Carlos Gomes. Ópera. Musicologia

The Reception of the Work of Ponchielli in the Country of Carlos Gomes

Abstract: As a starting point for further study in the context of Carlos Gomes and the composers of the so-called transitional period of Italian opera, the work presents Amilcare Ponchielli, personality of Gomes's personal conviviality, as well as possessing similar aesthetic profiles. For this first moment, the communication draws a parallel of the life of both composers and investigates the reception and repercussion of the musical presence of Ponchielli in Brazil from the century. XIX. As a methodological percouse, the various critiques and announcement by the press were investigated in the National Library.

Keywords: Amilcare Ponchielli. Antônio Carlos Gomes. Opera. Musicology

1. Introdução

Para atingir a *Giovane Scuola* de Puccini e Mascagni o melodrama italiano passou por um período de crise e transformações que durou cerca de vinte anos (1871-1893)¹ e teve como representantes Catalani, Gomes e Ponchielli, compositores que correspondem às principais personalidades do chamado *Período de Transição*. Seus procedimentos, que seriam desenvolvidos pela próxima geração de compositores, incluíam a síntese do discurso musical, a declamação dramática mais livre e contínua do recitativo, a ampliação do discurso orquestral, tanto em timbre, faixa tessitural e significado no drama, em igual ou maior importância que os cantores solistas e o uso de temas cíclicos em relação aos personagens

adotados. Para a musicologia brasileira Ponchielli ainda representa um campo desconhecido, com poucos dados sobre o artista e sua obra. Sabe-se que teve um intenso vínculo respeitoso e amistoso com Carlos Gomes, dividiu professores, editores e até uma mesma vizinhança em Maggiano, próximo a Lecco. Conjectura-se que adotaram perfis estéticos semelhantes, o que não seria difícil de crer, já que estiveram sensíveis às mesmas transformações. Para a presente comunicação concentrar-nos-emos tão somente na presença da produção operística de Ponchielli no Brasil e sua recepção pela imprensa.

2. Amilcare Ponchielli

Muitas vezes Ponchielli é incluído entre os chamados “compositores de uma só obra” – *La Gioconda* – obra que, com razão, confere-lhe os maiores louros e sintetiza a essência do período que antecedeu a *Giovane Scuola*². Amilcare Ponchielli nasceu próximo a Cremona, em Paderno, em 31 de agosto de 1834. Lá iniciou seus estudos ao órgão e, em pouco tempo, foi enviado a Milão para aprimorar-se no Conservatório local em 1843. Segundo Tintori (1985), “receberá ensinamentos de Alberto Mazzucato, que exerceu, sem dúvida, notável influência sobre a preparação e sobre a formação cultural e artística do jovem”. As contribuições de Mazzucato são hoje lembradas como fundamentais para a atualização do pensamento artístico italiano e a evolução de seu cenário musical. Mazzucato representava uma ponte com as ideias modernas além das fronteiras italianas. Uma porta aberta para as ideias (reformistas) que rapidamente encorajaram os compositores do período de transição, onde se incluem Gomes e Ponchielli. Mazzucato, ao lado de Lauro Rossi, foi o principal professor de Gomes, assim como o foram de Ponchielli, embora em épocas diferentes.

Em 1854 Ponchielli recebe o tão esperado *diploma di composizione* com o máximo dos votos. Apesar de não participarem ativamente do movimento da *scapigliatura*³, Ponchielli e Gomes de certa forma foram sensibilizados pela forte ressonância desse curto, mas expressivo movimento artístico que durou cerca de quinze anos. Primeiramente, por meio da necessidade de escrever o drama musical a partir de libretos de *scapigliati*, como Emilio Praga e Arrigo Boito. Depois, pela adoção ao estilo e estrutura francesa do *grand opéra*⁴, gênero em voga no período de transição. As influências de Ponchielli à próxima geração de compositores não se dará apenas através da composição musical, mas também do ensino dessa disciplina no conservatório. Ponchielli assumirá a cadeira de *alta composizione* no Conservatório de Milão em 1881 até sua morte, recebendo como alunos Puccini e Mascagni.

O primeiro sucesso da produção operística de Ponchielli data de 1856 – *I Promessi Sposi*, em Cremona. A ópera foi considerada comprometida pela baixa qualidade do libreto, realizado por alguns amigos do compositor⁵ sem nome artístico. Ninguém adquiri os direitos da obra. A segunda ópera foi *La Savojarda*, com libreto de Francesco Guidi estreada no palco do mesmo teatro em 1861. Ponchielli busca trabalho nesse mesmo ano em Piacenza como maestro de banda da *Guarda Nacional* fixando residência nessa nova cidade. Em colaboração com o mesmo libretista, Guidi, mas dessa vez no teatro municipal de Piacenza, Ponchielli estreia sua terceira ópera – *Roderico re dei Goti*, em 1863. O verdadeiro sucesso seguido de uma reviravolta em sua carreira artística só ocorreria após extensa revisão na música e no libreto de *I Promessi Sposi*. Dessa vez, com a colaboração de um libretista *scapigliato* – Emilio Praga – a ópera, em 1872, conquista o difícil público e crítica milaneses que passam a considerá-lo um dos músicos mais significativos da nova geração.

O ano de 1873 representará uma época de grandes expectativas para Ponchielli e Gomes, quando ambos os jovens compositores são convidados a compor para a Casa *Ricordi*: Gomes com seu *Salvator Rosa* e Ponchielli com *I Lituani*. Com essa ópera Ponchielli alcança o teatro *Scala*, em 7 de março de 1874 – façanha realizada por Gomes quatro anos antes, mas com a Casa *Lucca*. Em 1876, novamente no palco do teatro *Scala*, é a vez de *La Gioconda*, ópera que apresenta Ponchielli para o mundo e estabelece o compositor como personalidade de relevo para o desenvolvimento do melodrama italiano. Segundo Polignano, Ponchielli é agora “o maior músico italiano vivente depois de Verdi” (POLIGNANO, 1984, p. 365). Por mais laudatória que possa parecer essa afirmação, vale ressaltar que equivale às esperanças depositadas no italiano que começa a estabelecer-se em meio a um ambiente agitado, de profundas transformações musicais e intensificada pelo afastamento de Verdi dos palcos italianos⁶, posição progressivamente ocupada por autores estrangeiros. Finalmente, com o libreto de Tobia Gorrio – anagrama de Arrigo Boito – Ponchielli produz sua ópera *La Gioconda* (1876), obra que imprime maior marca à sua vida.

Il Figliuol Prodigio (1880) e *Marion Delormé* (1885) são suas últimas óperas de maiores vultos. Ambas estreadas no *Scala* e conquistando sucesso junto ao público. Desde 1882 também assume o posto de *mestre de capella* na igreja de S. Maria Maggiore, em Bergamo, situação em que volta a dedicar-se ao repertório sacro e escreve *Lamentazioni di Geremia* (1885). Ponchielli morre no dia 17 de fevereiro de 1886, dez anos antes de Carlos Gomes.

3. A produção operística de Ponchielli no Brasil

Até onde se pode apurar, a primeira execução, ainda que parcial, da obra de Ponchielli no Brasil data de 17 de setembro de 1882. Trata-se da execução da *Romanza* da ópera *Il Figliuol Prodigo*, no Teatro Imperial Dom Pedro II (RJ). A primeira execução completa de uma ópera de Ponchielli, *La Gioconda*, ocorrerá em 1885, também no mesmo teatro. Uma visão das obras de Ponchielli apresentadas no Brasil, com dados retirados de periódicos brasileiros do século XIX e XX, bem como os trabalhos de Márcio Páscoa (PÁSCOA, 2009), pode ser vista abaixo (Fig. 1).

Temporada	Teatro	Obra
1885	Rio de Janeiro – Teatro Imperial D. Pedro II	<i>La Gioconda</i>
1886	São Paulo – Teatro de S. José	<i>Marion Delorme</i>
1886	Rio de Janeiro – Teatro Imperial D. Pedro II	<i>Marion Delorme</i>
1886	São Paulo – Teatro de S. José	<i>La Gioconda</i>
1887	Rio de Janeiro – Teatro Imperial D. Pedro II	<i>La Gioconda</i>
1888	Rio de Janeiro – Teatro Imperial D. Pedro II	<i>La Gioconda</i>
1890	Belém – Teatro da Paz	<i>La Gioconda</i>
1892	Rio de Janeiro – Teatro Lyrico	<i>La Gioconda</i>
1892	Manaus – Teatro Amazonas	<i>La Gioconda</i>
1892	São Paulo – Teatro de S. José	<i>La Gioconda</i>
1893	São Paulo – Teatro de S. José	<i>La Gioconda</i>
1894	Belém – Teatro da Paz	<i>La Gioconda</i>
1895	Belém – Teatro da Paz	<i>La Gioconda</i>
1895	São Paulo – Teatro de S. José	<i>La Gioconda</i>
1896	Belém – Teatro da Paz	<i>La Gioconda</i>
1897	Manaus – Teatro Amazonas	<i>La Gioconda</i>
1897	Rio de Janeiro – Teatro Lyrico	<i>La Gioconda</i>
1898	Rio de Janeiro – Teatro Apollo	<i>La Gioconda</i>
1899	Rio de Janeiro – Teatro S. Pedro de Alcântara	<i>La Gioconda</i>
1901	Manaus – Teatro Amazonas	<i>La Gioconda</i>
1911	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1913	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1917	São Paulo – Teatro de S. José	<i>La Gioconda</i>
1920	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1921	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1934	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1936	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1938	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1940	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1947	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1952	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1969	São Paulo – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
1969	Rio de Janeiro – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>
2006	São Paulo – Teatro Municipal	<i>La Gioconda</i>

2006	Manaus – Teatro Amazonas	<i>La Gioconda</i>
------	--------------------------	--------------------

Figura 1- Óperas de A. Ponchielli apresentadas no Brasil até 2016 – 130 anos de morte.

No ano de 1886, grande era a expectativa pela apresentação da nova ópera de Ponchielli, *Marion Delorme*, apresentada no teatro *Scala* de Milão no ano anterior. Através do jornal *A Província de São Paulo* anunciava-se a chegada da ópera em breves dias, ressaltando que esta era sua primeira vez na América:

Brevemente subirá à cena o último acontecimento musical. Do célebre autor da *Gioconda*, o maestro Ponchielli, ópera será pela primeira vez executada na América (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 02 de maio de 1886).

O espetáculo se concretizou em 8 de maio de 1886, no Theatro S. José pela Companhia Lyrica Italiana sob a direção de Claudio Rossi. Na província de São Paulo, *Marion Delorme* surge antes ainda que *La Gioconda*. Essa mesma companhia seguirá viagem para o Rio de Janeiro em julho e, ao que parece, em grande estilo, conforme veremos mais adiante na repercussão causada e comentada pela imprensa, além da sugestão do anúncio: “mise en scène completamente novo” (Fig. 2):



Figura 2: Anúncio da representação de *Marion Delorme* no Rio de Janeiro.

As apresentações da mencionada ópera em 1886 não deixam de significar uma homenagem ao compositor que morreu em janeiro daquele mesmo ano. Há também biografias e menções honrosas publicadas no jornal ao longo do ano, como leremos mais a frente. Apesar da acolhida do público e dos esforços em montar uma obra dessa envergadura pouco depois de sua estreia em Milão, a ópera não será mais reproduzida em temporadas futuras, restando apenas à *La Gioconda* a tarefa de representar Ponchielli no Brasil.

4. *La Gioconda* e sua repercussão pela imprensa brasileira

Muito embora sendo um contemporâneo de Gomes, nutrido de um mesmo contexto na Itália e com uma ópera concatenada com os recursos composicionais de *Fosca* (1873), *La Gioconda* de Ponchielli foi recebida desde o primeiro momento com grande aceitação pelo público e crítica brasileiros. Nas críticas publicadas sobre a ópera de Ponchielli no século XIX, perceberemos que aquelas sugerem uma obra de escuta acessível e um orgulho em afirmar que era um compositor de estilo próximo ao de Carlos Gomes.

Recebemos anteontem a *Gioconda*, de Ponchielli, sem prevenções e sem a preocupação de decidir a que maneira, estilo ou escola pertence esta joia popular italiana. A qualidade que Ponchielli mais claramente ostentou na *Gioconda* é o ecletismo. Ponchielli é um oportunista: escreve música para seus contemporâneos porque naturalmente entende ser rematada loucura escrever, no século XIX, partituras que só possam ser entendidas e aquilatadas no século XX. [...] Ponchielli aceitou o que havia de melhor nas produções das escolas modernas de música. Na *Gioconda* aparecem ora as formas de Boito, ora as de Verdi; Umaz vezes lembra ela Gounod, outras deixa ver pronunciadamente as influências meyerberianas (sic). Se porém há ali estilo que mais se pronuncie é o do nosso Carlos Gomes. [...] Ponchielli é músico tão inspirado quanto é mestre que conhece, como poucos, o seu officio. (Jornal do Commercio, 1885, quarta feira 12 de agosto. Rio de Janeiro, ano 63, N 223).



Figura 3: Anúncio da primeira representação de *La Gioconda* no Brasil.

Nesse ano, 1885, as apresentações em território brasileiro de uma ópera completa de Ponchielli limitarem-se a essa única, ocorrida no Rio de Janeiro. O ano seguinte será pleno de significado para os admiradores do artista, pois é o ano de sua morte. Publicam-se, então, no Brasil diversos resumos biográficos e citações honrosas, a primeira iniciando da seguinte

maneira: “Morreu o mais notável músico da Itália moderna depois de Verdi”(JORNAL DO COMMERCIO, 16 de fevereiro de 1886). Nele também fazem menção da estreita amizade que o italiano possuía com Gomes. Ao longo de sua biografia encontramos menção de sua última e desejada ópera: “Essa partitura, escrita mais no gênero da ópera *I Lituani* do que no da *Gioconda* tem páginas que colocam Ponchielli entre os maestros mais inspirados da escola italiana” (JORNAL DO COMMERCIO, 16 de fevereiro, 1886).

O interesse pela produção nova de Amilcare Ponchielli pode ser comprovado na seguinte referência: “No estabelecimento do Sr. I. Bevilacqua acaba de ser impressa uma brilhante transcrição da ópera *Marion Delorme*, do maestro Amilcare Ponchielli, autor da tão aplaudida *Gioconda*. A transcrição é de L. Levy”. (JORNAL DO COMMERCIO, 6 de julho de 1886). E curiosamente:

A *Marion Delorme*, finalmente, se bem que menos frescamente inspirada do que a *Gioconda*, é ópera de muitas belezas, mesmo de certo valor científico, e parece-nos que poderá ficar pertencendo ao repertório dos nossos theatros lyricos, onde se mantém produções de muitíssimo menos valia! (JORNAL DO COMMERCIO, 7 de julho, 1886).

Um outro anúncio merece menção. Dessa vez é de São Paulo. Muito antes da criação do Theatro Municipal produções operísticas visitavam o Theatro S. José. O ano é de 1886 quando, pela primeira vez, *La Gioconda* sobe ao palco. A crítica do dia seguinte comenta a obra de Ponchielli como de fácil escuta:

Quanto mais ouve-se esta ópera, que embora apareça entre nós pela primeira vez, já nos é conhecida, e mais é para admirar a facilidade de Ponchielli, o músico delicado e encantador de *Marion*: severo e grande no *Filho Pródigo*. [...] Dir-se-ia, sem pretensão o paradoxo que Ponchielli compôs a *Gioconda* para agradar ao público, e ele o conseguiu perfeitamente. [...] Não seremos nós que discutamos largamente para saber se *La Gioconda* pertence à escola alemã, à francesa ou à italiana, e basta que digamos que a *Gioconda* pertence à escola das óperas bem-feitas e que agradam.; e acreditamos que é isto o que importa ao público (A PROVINCIA DE SÃO PAULO, 11 de junho de 1886).

No dia 14 de dezembro de 1888, publica-se no Rio de Janeiro através do *Jornal do Commercio* as óperas que serão apresentadas na temporada seguinte (junho a setembro de 1889) no Imperial Theatro D. Pedro II. As óperas são apresentadas em duas listas, a primeira de óperas obrigatórias e a segunda de óperas que poderão ser escolhidas. Em ambas as listas figuram óperas de Ponchielli, pois na lista de óperas obrigatórias há a indicação de *La Gioconda* e na segunda lista a de *I Lituani*. “O repertório será composto de óperas importantes, eliminando-se aquelas que já tem perdido o seu interesse para os amadores. Óperas de obrigação” (JORNAL DO COMMERCIO, 14 de dezembro, 1888).

Dentre as várias notícias sobre os rumores de apresentar *I Lituani* no Rio de Janeiro, lê-se a confirmação desse propósito: “A administração propõe-se dar nesta época três óperas novas: a *Estrella do Norte* (sic), de Meyerbeer; e a ópera de Ponchielli *I Lituani*, que se afirma ser uma das mais notáveis composições do autor da *Gioconda*” [...] (JORNAL DO COMMERCIO 23 de outubro de 1889). De fato, durante a temporada de 1889 algumas dessas óperas foram produzidas, entretanto, no dia 31 de julho é divulgada uma queixa dos coristas estrangeiros. Temendo que a companhia fosse se dissolver pela recusa do empresário em levar adiante alguns espetáculos, retornaram aos seus países. O assunto toma proporções mais sérias divulgadas no *Jornal do Commercio* e, como resultado, *I Lituani* não sobe ao palco.

Segundo Páscoa, a obra de Ponchielli chega em Belém do Pará no ano de 1890. A informação ganha relevância por ser o ano da reabertura do Teatro da Paz. A seguinte crítica da ópera *La Gioconda*, registrada no *Diário de Notícias* (PA) assume grande importância por nos esclarecer que àquela época já era transmitido o significado de Ponchielli para o contexto do melodrama italiano, a saber: período de transição para a *giovane scuola*⁷.

Representou-se ontem pela terceira vez no nosso theatro a imortal ópera que Ponchielli legou à posteridade. A ópera que é de bastante árdua interpretação tem uma orquestração difícil, mas de um rendilhado agradável; uma verdadeira obra de arte. É talvez a ópera que melhor marca a transição brusca e profunda da escola de Verdi para a escola moderna (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 3 de maio de 1894).

Em 1890 também lê-se no mesmo jornal um anúncio de partituras para piano de óperas completas. O anúncio tem como título *Grande sucesso musical!* Dentre as cinco óperas apresentadas, *La Gioconda* é divulgada em primeiro lugar e o anúncio termina com mais uma novidade “uma ópera nova” de Ponchielli – não especificada. Naquela época, o anúncio de versões para piano representava um bom indicativo da aceitação e interesse do público pelas obras. Lê-se: “Óperas completas para piano. *Gioconda, Favorita, Carmen, Dinorah*, e uma ópera nova que tem feito grande sucesso na Europa, composta por A. Ponchielli, autor da *Gioconda*” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 30 de novembro de 1890).

No século XIX, 1896 é o último ano da estreia de uma ópera de Ponchielli em Belém, conforme figura 1⁸. É também o ano da morte de Carlos Gomes nessa mesma cidade e em 18 de setembro publica-se na página principal do *Diário de Notícias* uma biografia honrosa em homenagem ao compositor brasileiro. Nela, o redator Lobo Cordeiro valoriza a figura de Ponchielli ao lado de Gomes:

Tendo por lente de contraponto o grande Lauro Rossi, por condiscípulo o célebre Amintore (sic) Ponchielli, primoroso autor da *Gioconda*, do *Figliuol Prodigio*, do *Promesi Sposi*, e tantas outras obras primas, Carlos Gomes e Ponchielli foram os dois contemporâneos mais distintos alunos do conservatório⁹ (Diário de Notícias, 18 de setembro de 1896).

Em Manaus, será em 1897 que a execução de uma obra completa de Ponchielli ganhará espaço. Com a expressão econômica advinda com o ciclo da borracha, o Teatro Amazonas inaugurava sua nova casa de espetáculos no último dia do ano de 1896 e trazia a mesma companhia lírica de Belém – companhia de Franco – para as festividades da temporada. A ópera escolhida para inauguração da suntuosa sala foi justamente *La Gioconda*.

Um fato curioso é que, mais à frente, em 1907, para o público da mesma casa foi realizada uma pesquisa pelo periódico *A Platea* sobre as 10 óperas preferidas. *La Gioconda* estava no gosto do público que, segundo Páscoa, causou efeito especial “não só pela grande exibição [daquela temporada] mas pela data inesquecível em que foi encenada: a inauguração do Teatro Amazonas” (PÁSCOA, 2009, p. 142).

Ao longo do século XX e XXI, *La Gioconda*, no Brasil, permanece em cena, ainda que de forma escassa. Entretanto, nenhum outro título de Ponchielli é introduzido no Brasil, mesmo se considerando o revival desse compositor ocorrido na Itália na virada do século XX para XXI, com um crescente interesse por obras como *Il Figliuol Prodigio*, *I Lituani*, *I Mori di Valencia* e *Marion Delorme*, todas elas registradas em disco ou encenadas.

5. Considerações Finais

De certa forma, Ponchielli possui uma representação no Brasil proporcionalmente semelhante à que teve na Itália. De um compositor desconhecido do interior, alcança sucesso inicial ao deslocar-se para Milão. Se *I Lituani* lhe afirma os palcos *scaligeiros*¹⁰, *La Gioconda* lhe confere notoriedade completa e duradoura. Posteriormente, é esquecido e junta-se aos compositores de uma só obra. Neste clube, está seu amigo Carlos Gomes com *Il Guarany*. Assim, sua presença no Brasil é compreensível apenas com *La Gioconda*, de forma mais sistemática, e, com certa surpresa, verifica-se que *Marion Delorme*, sua ópera mais requintada em termos composicionais, tenha sido aqui apresentada.

Por outro lado, o que mais chama a atenção sobre esta relação de Ponchielli com os palcos brasileiros é a fina percepção de parte da crítica sobre sua posição e a relevância como um compositor autônomo e representativo do período de *Transição*. Mais que isso, causa positiva surpresa que, já nas críticas do século XIX, se identificasse a estreita intimidade estilística entre Gomes e Ponchielli, um fato musicologicamente verdadeiro e que foi alvo de identificação mas clara apenas em estudos muito recentes.

Referências:

ERMAKOFF, George, MASCARO, Cristiano. *Theatro Municipal do Rio de Janeiro: 100 anos*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2012.

PÁSCOA, Márcio. *Ópera em Belém*. Manaus: Editora Valer, 2009.

_____. *Ópera em Manaus*. Manaus: Editora Valer, 2009.

POLIGNANO, Giovanni. Cronologia della vita e delle opere di Amilcare Ponchielli. In: ALBAROSA, Nino et al. *Amilcare Ponchielli 1834-1886: saggi e ricerche nel 150 anniversario della nascita*. Casalmorano: Cassa Rurale ed Artigiana di Casalmorano, 1984, pp. 363-366

STANLEY, Sadie; TYRRELL, John. Amilcare Ponchielli. In: *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. 2ª edição. New York: Grove, 2001. v. 19, pp 88-91.

TINTORI, Giampieri et al. *Amilcare Ponchielli*. Milano: Nuove edizioni, 1985.

VIRMOND, Marcos da Cunha Lopes. *Construindo a Ópera Condor: o pensamento composicional de Antônio Carlos Gomes*. Campinas, 2007. 332 f. Tese (Doutorado em música). Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, 2007.

Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000429451&opt=4>

Acesso em: 02 abr. 2017.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (PA)

JORNAL DO COMMERCIO (RJ)

A PLATEA

HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em:

<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Acesso em: 02 abr. 2017.

Notas

1Segundo Jay Nicolaisen em seu livro *Italian Opera in Transition, 1871-1893*. Michigan: Ann Arbor, 1980.

2Nova geração de compositores italianos que encabeçaram um conjunto de reformas no melodrama manifestadamente através do verismo.

3Segundo Virmond: Movimento artístico-literário com ambições de vanguarda, surgido na Itália, mais especificamente em Milão, em torno de 1860 e 1875, propondo modificações radicais nos códigos artísticos através de uma inspiração pelas tendências estrangeiras, principalmente francesa e alemã. O termo significa “descabelados”, o que caracterizava alguns de seus adeptos. Arrigo Boito e Franco Faccio na música, Iginio Tarchetti e Emilio Praga nas letras e Tranquilo Cremona nas artes plásticas foram os nomes mais representativos dessa tendência.

4 *Opera-ballo*. Ópera ao estilo e estrutura francesas.

5 O(s) autor(es) do libreto permanece desconhecido (STANLEY, 2001, v. 19, p. 89).

6 Giuseppe Verdi, nessa fase, oferecia a estreia mundial de suas óperas para palcos fora de Milão. É o caso da seguinte sequência de trabalhos: *La Forza del Destino* (1862, São Petersburgo), *Don Carlos* (1867, Paris) e *Aida* (Cairo, 1871). Apenas suas duas últimas óperas retornarão com estreia dentro da Itália – *Otello* (1887, Milão) e *Falstaff* (1893, Milão).

7 A escola moderna refere-se à *giovane scuola*, encabeçada principalmente por Mascagni e Puccini. Fase pela qual atravessava o melodrama na Itália e contemporânea à publicação dessa informação pelo *Diário de Notícias* do Pará.

8No século XIX a ópera *La Gioconda* foi apresentada nas temporadas de 1890, 1894, 1895 e 1896.

9Esta corresponde à antiga visão de que Gomes havia se matriculado no Conservatório de Milão. Através das cartas de Gomes a Francisco Manoel da Silva e o atestado do Conservatório de Milão assinado por Rossi, esclareceu-se que Gomes tomou aulas particulares com Rossi, submetendo-se a um teste de proficiência para obtenção do tão desejado diploma de *maestro compositore* pelo Conservatório.

10Derivado de *Scala*.